

“ERA PARA OBTER A LISTA”

REGINA BORGES NEGA QUE TENHA RECEBIDO ORIENTAÇÃO PARA CHECAR O SISTEMA

RAMEZ TEbet

— Por uma questão de equidade e de justiça, considerando que a primeira pergunta formulada foi para a doutora Regina e ela respondeu monossilabicamente, e considerando que o senador José Roberto Arruda teceu uma série de considerações, entendo, no meu íntimo, que seria injusto se não lhe retornasse a palavra para algumas considerações quanto ao seu “confirme”, que foi o que ela falou.

REGINA

— São algumas considerações que eu tenho de fazer a respeito dessas questões. Em primeiro lugar, a questão de ordem, consulta, pedido; tentarmos esclarecer como vemos, como aparecem nos depoimentos essas três palavras. E a segunda diz respeito ao que foi pedido, ordenado ou consultado. Acho que há duas coisas sendo tratadas. Em relação à ordem, pedido ou consulta, a palavra consulta eu descarto absolutamente. Em momento nenhum chegou a mim como uma consulta, então essa eu descarto.

Em relação a pedido ou ordem, acho tão tênue a diferença entre essas duas coisas, que dependendo da autoridade, da forma como chega um pedido, ele tem força de uma ordem expressa; dependendo de como chega, muitas vezes, uma ordem, dependendo da autoridade, da forma, ela pode até ser vista como um pedido. Acho que talvez seja a possibilidade que se tenha de dizer não nesse momento que vá determinar como aquilo é recebido: se como uma ordem ou como um pedido. Então, provavelmente, muitas vezes, aqui, essas palavras podem ser usadas uma hora como pedido, uma hora como ordem para definir esse pleito que foi feito, mas sempre com esse sentido da constatação de que teria que se fazer — então, como uma ordem.

Do ponto de vista de ordem ou pedido, essa é a colocação que tenho a fazer. Em relação ao teor, o que foi pedido ou ordenado, aí, para mim, é onde reside a grande diferença. Jamais, se me fosse pedido ou consultado para verificar a segurança do sistema, do ponto de vista do resultado da votação, eu tomaria uma decisão de ir lá, violar o sistema, trazer a lista e mostrar aquilo como uma prova da segurança do sistema. Realmente, seria impossível essa linha de raciocínio. Já tive, inclusive, uma ocasião, que vou usar como exemplo, em que o sistema vinha dando problemas de outra natureza — de estética, o computador travava, paralisava o processo de votação eletrônica.

Um dia, quando isso estava no auge do acontecimento, os técnicos me procuraram e falaram: “Regina, hoje vai dar problema”. Era uma época seca, tinha muita estatística. Procurei o doutor Carreiro [Raimundo Carreiro, secretário da Mesa] e falei: “Doutor Carreiro, eu acho que a gente deve, hoje, levar ao presidente a sugestão de não funcionar o computador, para ele não ter o constrangimento de ter que interromper a votação.” E assim foi feito. Pedi ao doutor Carreiro que desativasse. Esperei o presidente na porta do elevador e coloquei: “Presidente, estou sugerindo que a gente não use, hoje, o computador, porque estou temendo que o senhor fique numa situação constrangedora.” Ele tinha uma pauta muito extensa naquele dia e falou: “Não, eu não posso ficar sem o computador. Vou correr o risco e pode mandar ligar que eu vou usar o computador assim mesmo.” Eu até fiquei sentada atrás, para acompanhar, aflita, se ia funcionar. Realmente, chegou até o final da votação. No final, o pessoal ainda comentou que já tinham travado três bancadas e já estava no ponto de travar todo o sistema, mas, naquele dia, funcionou.

Em função disso, fizemos um mutirão de uma sexta, sábado e domingo e viemos para o plená-

rio — os técnicos do Prodases em conjunto com os da Kopp. Tenho até foto e, hoje, tentei, mas no afogadilho não consegui, porque eu até ia trazer. Abrimos e tiramos todos os tapetes do plenário e era fio para todo lado, e a gente — quer dizer, eu só olhando, porque não tenho a competência técnica para fazer esse tipo de atividade — junto, acompanhando, porque o que se procurou, naquele dia, foi fazer um isolamento maior em cada um daqueles terminais para diminuir a estática, e para que não houvesse mais uma incidência. Dali para frente, a coisa melhorou quanto a esse tipo de problemas.

Veja bem, nesse dia, sugeri que fosse desligado o computador para evitar somente o constrangimento. Ele não causaria problema de dano, de resultado de votação, nada disso. Era somente o constrangimento de parar. Fui sugerir ao presidente que não usasse o computador naquele dia, pelo constrangimento dele, mas, na medida em que ele se submeteu, dizendo que usaria, ainda que tivesse de parar, devido à pauta do dia, então foi ligado, e o doutor Carreiro conversou com ele, ligou, e usou-se o sistema.

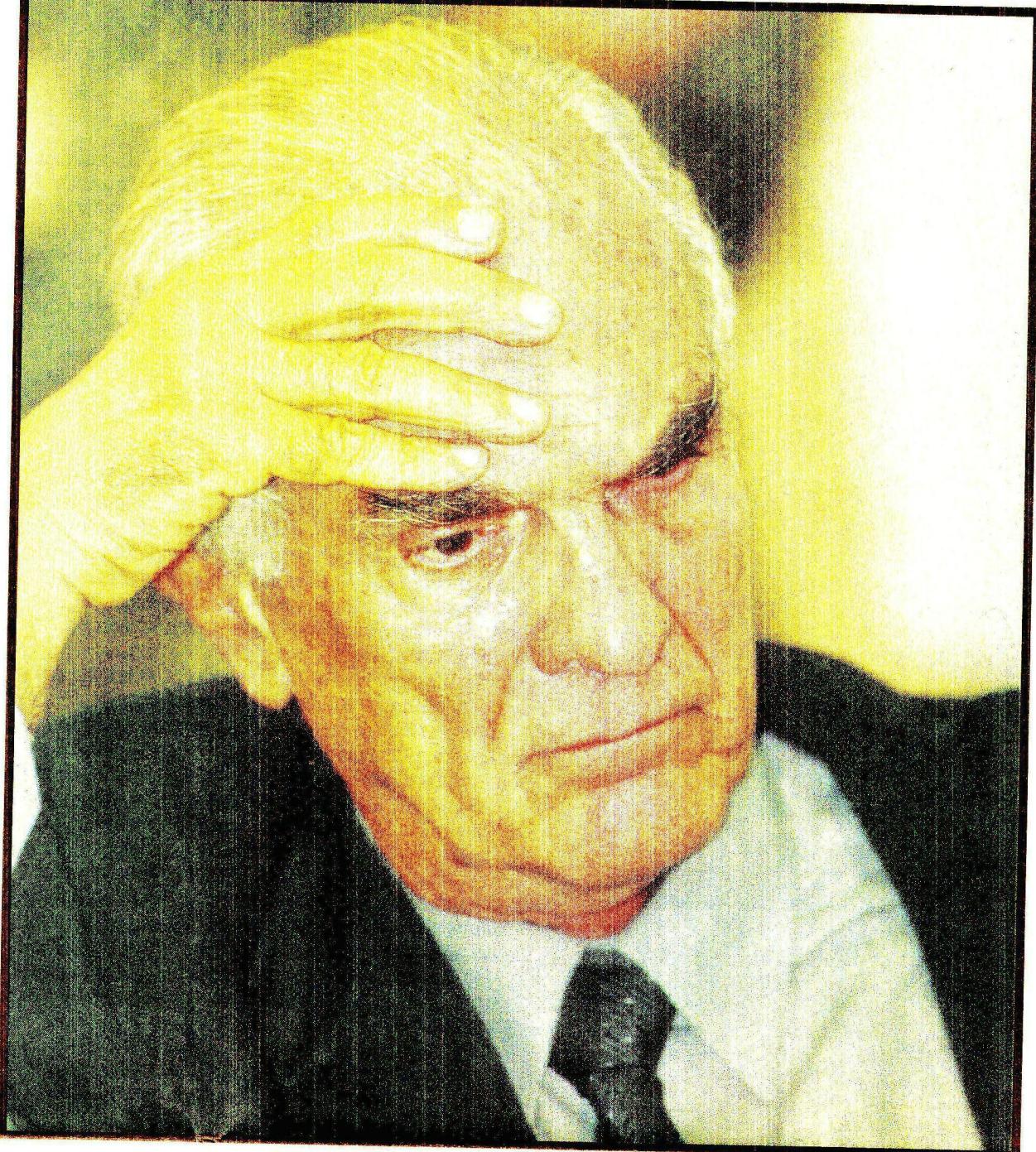
Bem, se me chegasse uma consulta, no sentido de que o sistema [de votação do Senado] não era seguro, estaríamos correndo o risco de ter algum problema na votação, nunca seria a minha atitude violar o sistema para provar o contrário. Faria a mesma coisa: sugeriria que fossem usadas as cédulas, poderia até fazer uma checagem, se desse tempo, quanto à segurança do sistema, mas nunca violaria o sistema, principalmente porque, na hora em que olhei, identifiquei uma relativa segurança, dentro da nossa ótica. Tanto assim que foi tão difícil quebrá-la. Então, não iria quebrá-la para mostrar que era seguro e passar a noite inteira naquele trabalho.

Uma coisa, inclusive, que me tem angustiado tanto esses dias todos é porque a equipe técnica quando sente que é uma determinação e tem que fazer — e essa situação foi inédita, mas normalmente se faz dentro da norma, dentro do que tem de ser feito —, a gente faz mutirão, reúne, chama um, chama outro, “qual o melhor jeito disso ai?”, “Como a gente faz para resolver?”, isso é uma praxe, é uma tônica, é um jeito de se trabalhar lá.

Então, a partir do momento que aquilo era uma missão que tinha de ser cumprida, todo mundo se mobilizou para tentar resolver, mas não seria daquela maneira, e aí com todos os constrangimentos envolvidos pela característica dessa ação, a ação tomada por nós. Em relação a isso, realmente, recuso-me a aceitar essa colocação de que o pedido era para a segurança do sistema. Na verdade, recebi um pedido para obtenção da lista dos votos.

Em relação à segunda questão, o Senador José Roberto Arruda tem toda a razão. Ele só soube de detalhes depois que tinha passado, porque, na manhã em que liguei para ele, na manhã do dia seguinte, para dizer que as coisas estavam preparadas para emitir a lista — e esse é outro ponto onde também me dá mais segurança do entendimento, porque se, naquele momento, ele tivesse verificado que era só para segurança, e não para a lista, eu teria tempo ali de abortar a operação —, naquele momento, ele me perguntou se tinha sido tudo tranquilo e sobre a segurança da forma como foi feita, segurança do ponto de vista dos envolvidos e tal. Eu não quis entrar em detalhes. Aquilo era uma coisa que eu estava assumindo; as pessoas

Ronaldo de Oliveira



ROBERTO SATURNINO, RELATOR DO CONSELHO DE ÉTICA: “É DIFÍCIL ACREDITAR NA VERSÃO DE ARRUDA”

O QUE FALARAM

“EU SINTO-ME NO DEVER DE DIZER QUE É DIFÍCIL ACREDITAR NA VERSÃO TRAZIDA POR ELE”

ROBERTO SATURNINO (PSB-RJ)
Referindo-se às explicações de Arruda

“ISTO NÃO É UMA ACAREAÇÃO. ESTÁ PARECENDO A REPETIÇÃO DOS DEPOIMENTOS”

ROMEU TUMA (PFL-SP)

“MAS COMO O SENHOR NÃO SABIA, SE TINHA VISTO UMA LISTA?”

JEFFERSON PÉREZ (PDT-AM)
Irritado, ao reagir a resposta do senador Antônio Carlos Magalhães de que só soube da fraude no painel depois de receber o laudo da Unicamp

que estavam fazendo, estavam fazendo para atender uma determinação técnica de operacionalizar uma coisa. Naquele momento, não tive vontade nem de expor as pessoas que fizeram, nem muito menos preocupar mais ainda como foi ou o que foi. Foi feita, é para fazer, está feito.

Realmente, ele tem toda razão. No que pese eu ter contado para o grupo, por uma questão de honestidade, como foi — inclusive, no depoimento de todos eles, tomei cuidado de separar os depoimentos, todos afirmam o fato de eu ter colocado como é que foi a visita ao senador Arruda e da determinação que tinha recebido, que, de acordo com ele, vinha do presidente —, todos receberam, mas o caminho inverso, o senador tem razão, não passei a ele detalhes de como se deu. Disse que foi tranquilo e que seria emitido.

SATURNINO

Mas o que a senhora acabou de declarar, confirmado o que havia dito, é extremamente importante, doutora Regina. Então, volto a perguntar: a senhora telefonou para o Senador Arruda no dia seguinte, às dez horas, e falou com ele, dando conta de que ia ser feito, tinha conseguido os procedimentos para tirar a lista?

REGINA BORGES

Sim, falei com o senador Arruda. É possível até observar na seqüência dos registros do meu telefone; eu ligo uma vez — porque quando afirmei aqui não tinha aquele dado, então lembrava, mas aí ficou mais claro —, eu ligo duas vezes seguidas para o gabinete, uma um pouco antes de nove, uma às nove e pouco, e depois, quando chega às dez e alguma coisa é que eu consigo, e então já é uma ligação que se percebe foi maior e a partir daí não tentei mais.

SATURNINO

Mas a senhora falou pessoalmente com ele?

REGINA BORGES

Falei pessoalmente com ele, foi quando falei que tinha ocorrido, aquela tarefa, durante aquela noite, tinha sido executada, e agora dependia da votação para se obter a lista.

SATURNINO

Indago agora ao senador Arruda, porque ele disse que não falou com... apenas algum assessor teria recebido esse telefonema, mas não teve contato dele.

ARRUDA

Muito bem, começo pelo telefonema, mas peço licença para tecer considerações sobre o que disse antes a doutora Regina.

TEBET

Não, não vamos admitir réplica, excelência, não é possível mais, porque senão não vamos acabar, aí ela vem para réplica outra vez. Aí vossa excelência faz em outra ocasião, de um outro jeito; hoje não dá, porque se formos cada vez que um explicar o outro voltar a falar, eu acredito que não. Permiti à doutora Regina porque estávamos no início dos nossos procedimentos, senador Arruda, e achei que era injusto que ela não fizesse considerações a respeito. Vossa excelência se atenha, por gentileza, a essa segunda pergunta formulada pelo eminentíssimo Relator.

ARRUDA

Pois não, Presidente. Vou obedecer às ordens da Mesa, apenas vou pedir que registrem que, ao final da acareação, se determinados fatos que considero relevantes não tiverem sido colocados eu poder ter a permissão de colocá-los.